

# GEOGRAFIA AGRÁRIA: OBJETO E MÉTODO

**Januário Francisco Megale**

"Só na ordenação agrária e espacial determinada pela economia é que se compreende, em seu verdadeiro sentido, a finalidade da investigação em geografia agrária."

OTREMBA

## A - OBJETO OU CAMPO DE ESTUDO

O objetivo deste estudo é determinar qual o campo específico da Geografia Agrária, bem como sua metodologia. Procuramos levantar a discussão referente a estes dois pontos, baseando-nos em trabalhos sobre este tema e em obras gerais de Geografia humana, que a ele se referem. Desde já reconhecemos que este estudo não é completo, mas cremos que outros trabalhos completarão este.

Daniel Faucher define como objeto da Geografia Agrária a descrição das formas de atividades e dos meios agrícolas (Faucher, 1949, págs. 9-21).

Para este autor a geografia agrária é essencialmente qualitativa, "ela se estabelece sobre todo um conjunto de dados que só podem ser compreendidos do interior, pelo contato direto e, de algum modo, íntimo com a vida e a mentalidade camponesa (Ibid. pág. 21). A característica de qualitativa só se aplica à geografia agrária, pois Faucher admite ainda uma geografia agrícola, que estuda a natureza dos produtos, condições econômicas de sua obtenção, gênero de vida dos agricultores, características e transformação da paisagem rural. Há ainda para este autor a geografia econômica, que se preocupa com o volume, circulação e destino dos produtos. Fundamenta-se na estatística e é essencialmente quantitativa. Faucher procura fixar a ação da geografia agrária no aspecto qualitativo do fenômeno estudado. Esta análise qualitativa é então uma análise de geografia humana, pois este autor admite ainda um estudo puramente quantitativo, que seria um ramo da geografia econômica. Parece-nos perfeitamente aceitável, coerente mesmo, esta subdivisão, mas torna-se uma redundância, pois qualquer estudo de geografia humana leva, necessariamente, como

instrumento de observação e análise, tanto ao aspecto quantitativo como ao qualitativo. Se tratamos de geografia humana, temos necessariamente que levar em consideração a - quantidade e a qualidade. Mesmo a tendência matematizante moderna nas ciências sociais e sua ampla aplicação nestas percebem claramente que o aspecto quantitativo é, antes de tudo, mais um recurso de análise, de interpretação do que um critério para subdivisão de disciplinas ou ramos de ciência. Compreendemos a preocupação metodológica e didática de Faucher, mas parece-nos claro, parece-nos um postulado que em estudos de geografia humana não se pode prescindir de uma análise de cunho qualitativo, baseada em dados estatísticos e num retrospecto histórico, levantados ambos na pesquisa de campo. A quantidade em si é antes da alçada da matemática, e da estatística da economia. Estamos de acordo, portanto, com a crítica feita por Valverde a Faucher neste sentido (Valverde, 1964, 1964a. 1964b).

Em excelente trabalho do Prof. Élio Migliorini, temos alguns conceitos sobre geografia agrária. Deste trabalho é a definição de D. Gribaudi: a geografia agrária "tem diante de si, como campo de estudo, a paisagem rural, isto é, a fisionomia concreta que deriva de um determinado tratamento da superfície terrestre, pela coordenação sobre ela de todos os aspectos espaciais, o que dá lugar à utilização agrária do solo; assim como a repartição das culturas e das sistematizações dos terrenos em relação às suas viabilidades e aos seus mercados" (Migliorini, 1950, pág. 1081). Gribaudi entende ser a paisagem rural o objeto da geografia agrária, e esta paisagem traz em si as marcas do homem que ocupa o solo, tirando dele o seu sustento, através de urna repartição de culturas, cujos produtos se destinam ao mercado.

Ainda no trabalho de Migliorini, U. Toschi designa como função da geografia agrária: "1. o reconhecimento da distribuição sobre a superfície da terra, da economia rural nas suas diversas formas; 2. a pesquisa das relações mútuas entre as formas da economia rural e o ambiente, compreendido este em seu sentido geográfico" (Ibid. pág. 1081). Para o Prof. Otrernba a "geografia agrária é urna parte da geografia econômica. É a ciência da superfície da terra modificada pela agricultura, tanto no conjunto como em suas diversas partes, em seu aspecto exterior, em sua estrutura interna e em suas ramificações" (Otremba, 1955, pág. 6). "A participação da produção agrícola no conjunto da vida econômica", a "relação espacial do campo" e as relações daí

decorrentes: eis o campo de pesquisa da geografia para este autor (Otremba, 1955 págs. 6 e segs.).

Michel Rochefort define a geografia agrária como o estudo da interação dos elementos do complexo agrário, complexo este tornado como um conjunto do qual não se pode analisar um só aspecto separadamente (Rochefort, 1964 pág. 133). "Num determinado meio natural, dividido em função do quadro jurídico e social das propriedades e dos regimes de trabalho, uru grupo humano, dispondo de certas técnicas, explora esse meio natural, seja para se alimentar seja para vender os produtos de sua atividade. Esta combinação agrária traduz-se por uma certa produção e urna determinada paisagem" (Ibid. pág. 133) . Aí está para Rochefort o campo de estudo da geografia agrária.

Para o Prof. Valverde a geografia agrária descreve as diferenças espaciais da superfície da terra do ponto de vista da paisagem agrícola, procurando determinar os elementos componentes dessas diferenças ou ainda é a "interpretação dos vestígios que o homem do campo deixa na paisagem, na luta pela vida, quotidiana e silenciosa" (Valverde, 1964 pág. 86).

Derruau indica como caráter do fato agrário o meio físico, a atividade agrícola e uma série de elementos decorrentes desta, alguns dos quais são influenciados, sobretudo por condições e outros por condições mundiais. Assim, clima, relevo e solo, sistema de cultura (Derruau 1967, pág. 187), tipo de cultura (ibid. pág. 189), gênero de vida (ibid. págs. 107-136), estrutura social agrária, espaço rural ou paisagem agrária devem ser estudados em pesquisa de geografia agrária. Corno método assinala, antes de tudo, a pesquisa local, a busca em documentos, o recurso da arqueologia e da toponímia (ibidem, págs. 209-211).

Para Derruau a geografia agrária é mais que a geografia agrícola. Enquanto esta pode estudar os resultados econômicos de qualquer cultura fora do contexto humano, a geografia agrária vai além, buscando os resultados da exploração sobre a paisagem (ibid. pág. 177). Como toda geografia humana, a geografia agrária é "essencialmente sintética: não perde nunca de vista os conjuntos agrários" (ibid. pág. 177) que se poderia chamar o sistema agrário, isto é, organização espacial e temporal em suas relações com as técnicas e laços sociais. Formas e sucessões de cultura, técnicas empregadas, práticas comunitárias, estrutura da propriedade, tudo isso é parte do sistema agrário.

A geografia agrícola é mais técnica e mais econômica que a geografia agrária, podendo estudar os resultados econômicos de qualquer cultura, fora do contexto humano.

A. Meynier (1958) destina às paisagens agrárias as 199 páginas de seu livro. A característica da paisagem agrária é, antes de tudo, a intensa ocupação do solo. Aqui, como em Otremba, a pouca discussão teórica do campo da geografia agrária deu lugar a um enriquecimento na aplicação da parte metodológica.

A. Cholley chama a atenção para os elementos constitutivos do habitat e da estrutura agrária — elementos de ordem física, biológica e humana; e, como o fez Rochefort, assinala a inter-relação destes. O autor ressalta que "a paisagem não é um fim em si, é apenas um meio"... "e só é compreensível quando se reconstitui a gênese e a evolução das combinações rurais que nela deixaram suas marcas" (Cholley, 1946, págs. 81-101).

Para Waibel a geografia agrária ou agrogeografia tem como objeto a "diferenciação espacial da agricultura" (Wibel, 1958, pág. 3). Waibel insiste em que, para o geógrafo, a agricultura é "um fenômeno fundamental de uma paisagem, de um país e de toda a superfície da terra" (ibid pág. 5). Nesta preocupação três níveis completam o trabalho de pesquisador em geografia agrária: o estatístico, o ecológico e o fisionômico. Waibel denomina estes três níveis de tratamentos ou enfoques, tal a importância que dá a estas três etapas na pesquisa em geografia agrária. A geografia agrária estatística ocupa-se com as "áreas de distribuição de cada espécie vegetal ou animal em questão", a geografia agrária ecológica com as "formas de economia" e a geografia agrária fisionômica com a "paisagem diretamente relacionada com a agricultura" (Waibel, 1958, págs, 3-8).

Hartshorne coloca a geografia da agricultura como ramo da Geografia Econômica ao tratar da divisão sistemática da Geografia Humana, não se detendo em pormenores (Hartshorne, 1969).

Muitos outros autores, alguns clássicos da ciência geográfica, trataram do campo de estudo em geografia agrária. Não querendo ser exaustivo, não nos preocupamos com todos — em parte devido à bibliografia não acessível — buscando informações em obras cujos autores são conhecidos desde o curso de graduação.

Embora as citações acima sejam diversas, quando examinadas no contexto, todas carregam uma perspectiva de conjunto, de um todo, como é característico da geografia: "a geografia humana é a ciência das relações múltiplas, explicando os estabelecimentos humanos e seus gêneros de vida num quadro espacial", já assinalou Derruau (Derruau, 1967, pág. 17).

Procuramos citar apenas os conceitos principais, não nos perdendo na vasta nomenclatura. Desde estrutura agrária, morfologia, fisiologia da paisagem, sistema agrário, tipo de cultura, paisagem rural, sistema de cultura, combinação agrária, complexo agrário, espécies de cultura, forma de atividade, sistema agrícola e outros, até o tão estudado habitat rural, todos estes conceitos são utilizados por autores diferentes, alguns deles referentes ao mesmo significado.

Como conclusão desta parte, deixamos claro que a compreensão total da atividade agrícola é o objeto da geografia agrária. Cholley nos dá uma visão completa do objeto e do método da geografia agrária nestas linhas: "Por detrás do habitat e da estrutura agrária devemos admitir elementos ou uma outra natureza que não captamos e que não entram suficientemente em nossas deduções. Assim se coloca a questão do método de pesquisa e matéria de geografia rural. A atividade agrícola envolve uma verdadeira combinação ou um complexo de elementos emprestados de domínios diferentes, mas estreitamente ligados, elementos de tal modo solidário que a transformação de um irá afetar os outros, e o conjunto em sua estrutura e dinamismo, e até mesmo em seus aspectos exteriores. Esta combinação — como em todas onde entra a expressão de uma atividade humana — é de ordem física, biológica e humana" (Cholley, 1946, pág. 82).

Temos aí a posição metodológica definida; posição ampla e que nos mostra o campo de outras ciências, além da geografia, no vasto campo da atividade agrícola. "Não basta descrever, o geógrafo deve explicar a função de cada elemento na atividade agrícola. "É o que Waibel entende quando fala em fisiologia da paisagem ou estrutura agrária da paisagem na língua francesa, segundo o Prof. Valverde (Valverde, 1946a).

Tomando agora o conceito de habitat rural como cerne da geografia agrária, como vamos defini-lo? A. Lefèvre pergunta: "Deve-se chamar assim a: 1) "todos os estabelecimentos humanos fora da cidade"; 2) "só aqueles estabelecimentos agrícolas

que abrigam uma exploração agrícola"?; 3) "todos os estabelecimentos rurais, mesmo aqueles que abrigam operários de indústrias"? (Lefèvre, 1934 pág. 223).

Continuamos expondo o pensamento deste autor. Como a questão está colocada, temos que distinguir habitat rural e habitat urbano. Nada mais simples a priori, mas, uma vez consultados os autores, convencemo-nos rapidamente do contrário. "Somente a função econômica, responsável pelas características funcionais do habitat, características estas geradoras de aspectos espaciais, deve dominar toda a questão dos tipos de habitat e ser a base de uma definição objetiva".

Aceitamos este critério - função econômica. Esta função vai abranger os elementos que Cholley assinala como o complexo de elementos emprestados de outros domínios, mas estruturalmente ligados, tais como: 1) elementos de ordem física e biológica: espaço compreendendo relevo, solo, clima, vegetação, sob o nome de condições naturais; 2) elementos de ordem humana: aldeia, vila, fazenda, destacando-se a densidade, estrutura social, meios de trabalhos, isto é, nível de vida, pois densidade, estrutura social e meios de trabalho revelam a organização e o dinamismo do agrupamento humano (Cholley 1946 págs 82-86). Cholley chama a atenção para que as "condições naturais não são um quadro imutável e que as condições políticas e econômicas não são propriamente elementos da combinação, mas esta prolonga aí suas raízes" (Ibid. pág. 86).

É nesta perspectiva de Cholley que os geógrafos fazem as suas pesquisas de campo. A Prof<sup>a</sup> Keller assinala "o tríplice valor das pesquisas sobre o povoamento rural, do ponto de vista geográfico, concretiza-se (pois) na sua *forma* (dispersa e aglomeração), que constitui elemento essencial da paisagem rural e que freqüentemente exprime fatos ligados à evolução social, no seu *valor demográfico*, pois agrupa e fixa ao solo certo número de indivíduos, e no seu *valor econômico e social*, porque é a sede de um estabelecimento rural" (Keller, 1958 pags. 145-171). Nada mais que o ponto de vista de Cholley.

---

**B - MÉTODO**

*Em todo estudo geográfico, é na viagem e na pesquisa que se inicia a investigação.*

MEYNIER

Vejam agora o que podemos definir como método da geografia agrária. "Qualquer que seja o objeto de uma pesquisa, o valor do resultado depende do valor dos métodos utilizados" (Festinger e Katz, 1963 pág. 13). A importância do método é fundamental e é reconhecida por todos os pesquisadores, daí a necessidade de bem conhecer o método da ciência em que se pesquisa.

Sabemos o que é método, palavra cuja semântica conserva ainda o sentido etimológico: caminho para se atingir algo. O método é fundamentalmente o mesmo em todas as ciências, e consiste, segundo Nogueira, em "A) formular questões ou propor problemas; B) efetuar observações; C) registrar tão cuidadosamente quanto possível as observações feitas com o fim de responder as perguntas formuladas ou resolver os problemas propostos e de rever conclusões, idéias e opiniões anteriores que estejam em desacordo com as observações e as respostas resultantes" (Nogueira, 1968 pág. 73).

O método é, portanto, um procedimento científico, um processo racional para se atingir seguramente um objetivo, no caso, um objetivo cognitivo, de natureza intelectual. Continuemos com Nogueira: "... cada objeto de estudo, cada fenômeno a ser investigado, pela sua própria natureza e pelas condições em que se manifesta, determina uma adaptação do método ao estudo que se tenha em vista. Neste esforço de adaptação do método ao objeto das diversas ciências sócio-psicológicas, diferentes investigadores, levados quer por pontos de vista divergentes quer por preferências meramente pessoais, têm adotado determinadas perspectivas para a observação de fenômenos, as quais comumente também designam com o termo método (ibid. pág. 77).

Notamos que antes destes "pontos de vista divergentes" ou "preferências meramente pessoais" há uma grande diferença entre o método das ciências passíveis de experimentação direta e o das demais ciências. Daí então o método das chamadas "ciências de observação" e o das "ciências experimentais". Fernandes tem a este respeito uma nota importante: "A distinção entre "ciência de observação" e "ciência

experimental” é difícil de fazer, porque todo conhecimento científico se funda, direta ou indiretamente, na observação. A forma de praticar a observação e de utilizá-la como instrumento de descoberta ou de controle é que varia” (Fernandes, 1967 pag. 3).

A Geografia, como ciência humana, tem o método das ciências de observação. Nestas há “a necessidade de se dar a maior atenção às questões e aos problemas que dizem respeito às operações cognitivas, por meio das quais os aspectos cientificamente relevantes para a descrição ou a explicação dos fenômenos investigados são documentados e elaborados interpretativamente” (Ibid. pág. 4). A geografia possui como verdadeiro laboratório a própria natureza, seu campo abrange o conjunto da complexa rede dos fenômenos humanos e naturais, tais como se apresentam à observação, nas condições ambientais dadas, nem sempre passíveis de serem reproduzidas em condições de experimentação controlada, afirma Silva, completando o nosso pensamento (Silva, 1971).

Nós, nas ciências de observação - ciências humanas - não trabalhamos diretamente com a realidade. Colhemos dados destas, constituindo estes dados as instâncias empíricas: dados ou informações de uma situação real, viva, dinâmica. Com estes dados é que procuramos descobrir a causa do problema estudado.

Otremba assinala que “os métodos utilizados por uma disciplina não se desenvolvem em discussões nem em postulados teóricos, senão no trabalho inteligente, na própria paisagem do campo” (Otremba 1955, pág. 17). O mesmo autor friza que “não existe método algum agrogeográfico, como tampouco existe método geográfico ou espacial. O problema ou o espaço que em cada caso se procura estudar, exige do pesquisador a tarefa de encontrar os métodos espaciais para tal fim. Sobre este ponto é impossível assinalar diretrizes” (ibid. pag. 18). O pensamento de Otremba se refere primordialmente à pesquisa. Não há um padrão metodológico para o pesquisador, este deve possuir uma versatilidade, uma habilidade quanto ao problema pesquisado e os meios de se chegar a ele.

Entretanto, o mesmo autor, nas páginas seguintes, delinea aquilo que podemos chamar de método geral da geografia agrária. Otremba chama a atenção para a condição prévia de todo trabalho no campo da geografia agrária: possuir, antes de tudo, um conhecimento profundo da história da área, da ecologia das plantas úteis e dos animais domésticos. Depois desta base histórica deve vir o conhecimento da paisagem

geográfica com todas as suas relações ecológicas e seus diversos elementos. “A razão de tais métodos agrogeográficos reside na necessidade de se vincular o pensamento geográfico ao econômico” (ibid. pág. 17). “Só na organização agrária e espacial determinada pela economia se compreende, em seu verdadeiro sentido, a finalidade de investigação” (pág. 18). Temos então a reconstrução histórica e o estudo da paisagem com todos os seus elementos, ambos feitos *pari passu* com o aspecto econômico, como o método da geografia agrária segundo Otremba. Isto é indispensável em toda e qualquer pesquisa; as técnicas para se atingir o objetivo dentro deste método é que variam segundo o tema, a região e de autor para autor.

Percebemos a mesma preocupação em Meynier ao frisar que “em todo estudo geográfico, é na viagem e pesquisa que começa a investigação”, admitindo porém a necessidade de conhecimentos teóricos: “a ciência aplicada não progrediria se a ciência pura não desenvolvesse estudos desinteressados” (Meyner, 1958 págs. 9 e 6 respectivamente). Percebemos claramente que o método de Otremba coincide com o de Cholley. Este subentende a interpretação histórica, deixando o estudo das condições econômicas e políticas como etapa final, que auxiliará a interpretação dos dados colhidos referentes aos elementos de ordem física e biológica e aos elementos de ordem humana; aquele focaliza a reconstrução histórica e o estudo da paisagem, sob a perspectiva econômica, durante todo o processo. Para Otremba o econômico é o ponto de referência permanente de um trabalho em geografia agrária.

Sabemos que o objetivo da geografia é conhecer, explicar as relações entre o homem e a paisagem. Ora, esta relação manifesta-se, antes de tudo, pela sobrevivência do indivíduo, isto é, a primeira relação do homem com a paisagem é a de sobrevivência. Para isso, tem o homem que produzir os seus meios de subsistência. “Através da produção de seus meios de subsistência, produz o homem indiretamente sua própria vida material. ... A maneira pela qual os homens produzem seus meios de subsistência depende, primeiramente, da natureza dos meios de subsistência encontrados e a serem reproduzidos. ... Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (Cardoso e Ianni, 1965, pág. 307). Marx nos mostra a importância do econômico sobre a organização social dos indivíduos. Não sem razão, Otremba afirma que “só na ordenação agrária e espacial determinada pelo econômico é que se compreende, em seu verdadeiro sentido, a finalidade da investigação em geografia

---

agrária” (Otremba, 1955, pág. 18). Tal pensamento tem sua plena validade hoje. Na sociedade moderna e contemporânea, o econômico tem seu papel de destaque, seja no meio urbano seja no meio rural. Lefèvre afirma, como vimos, ser o econômico o critério mais real e objetivo para se definir habitat rural. Não queremos aqui cair num economicismo estéril, mas não podemos deixar de frisar a importância do fator econômico. Mesmo em comunidades onde a tradição e os costumes estão intimamente ligados à religião, a magia, o econômico desempenha o seu papel primordial para a compreensão destas. A antropologia nos mostra que comunidades que se organizam pela estrutura de parentesco têm no setor econômico a manifestação mais nítida desta (Linton, 1962).

Na geografia agrária a investigação deve abranger aspectos de outras ciências, do mesmo modo que estas outras estudam aspectos geográficos. Já afirmamos ser a relação homem/paisagem o objeto da geografia. Ora, a paisagem tem no espaço o seu fundamento. Daí as relações dependerem tanto da cultura como das condições naturais deste espaço; o que Pierre George confirma: “a geografia é uma ciência humana”...“é uma ciência do espaço, mas seus métodos são diferentes daqueles das ciências naturais do espaço” (George, 1966 pág. 17) “Ciência do espaço, a geografia amplia, além deste, sua visão, seu campo de estudo” (ibid. pág. 19). “O papel do geógrafo, comparável ao do sociólogo, ainda que muito diferente deste, é de definir estruturas e de mostrar como elas são susceptíveis de evoluir, de se transformar, em que condições e em que sentido” (George, 1961, pág. 342). Ocupa-se então o geógrafo com um complexo agrário em cujo campo de ação incidem outras disciplinas, daí a especialização em geografia urbana, industrial, dos transportes etc. Entretanto, esta subdivisão não exclui, pelo contrário, confirma o complexo de elementos englobados numa visão geográfica. A atividade humana, primordialmente de cunho econômico, está na frente da relação homem/paisagem. Há uma instituição, que no conjunto das inter-relações homem/paisagem tem posição de relevância para a compreensão do todo: é a instituição econômica. Será esta asserção verdadeira? Será esta a perspectiva de Otremba e de Cholley? Parece-nos que sim como de inúmeros outros autores.

Deixamos aqui sumariados alguns roteiros de trabalhos de vulto em geografia agrária. Consultamos trabalhos teóricos e trabalhos empíricos. Preferimos designar sob roteiros pois o método é mais que o simples delineamento ou a simples divisão em

etapas de um trabalho de campo ou de laboratório. É claro que através do roteiro podemos perceber alguns elementos do método. Este pressupõe o roteiro e está vinculado à interrelação entre as diversas etapas daquele.

### Trabalhos teóricos

VALVERDE, 1964	condições naturais interpretação histórica objetivo da cultura formas de economia
DEMAGEON, 1927	condições naturais condições sociais condições econômicas evolução histórica
OTREMBA, 1955	reconstrução histórica paisagem geográfica relações econômicas
MEYNIER, 1958	retrospecto histórico fatores naturais meio técnico e econômico fatores políticos
ROCHEFORT, 1964	meio natural quadro jurídico e social grupo humano técnicas (economia)
LEFÈVRE, 1934	reconstrução histórica elementos físicos e biológicos condições políticas e econômicas evolução atual do habitat
WAIBEL, 1958	quadro físico aspectos históricos base econômica
HARTSHORNE, 1969	paisagem natural: solos climas, etc. paisagem cultural: produção consumo

---

GEORGE,1972	fatores históricos condições naturais elemento humano relações econômicas
-------------	--

**Trabalhos empíricos**

MONBEIG,1957	condições naturais e históricas elemento humano relações econômicas relações sociais
FERNANDES,1972	quadro físico povoamento – histórico organização do espaço sistemas de produção
ARAÚJO FILHO,s/d	quadro físico história do povoamento elemento humano economia
FRANÇA,1954	condições físicas população – traços culturais utilização do solo
PETRONE,1966	quadro físico atividades ligadas ao povoamento ou colonização organização econômica do espaço
PAPY, 1957	retrospecto histórico tipo de povoamento organização econômica estrutura social

Inúmeros outros trabalhos versam sobre o assunto. Este estudo preliminar visa a levantar a discussão, não esgotando de modo algum a bibliografia específica ou as referências sobre o tema. Se a leitura deste artigo despertar a preocupação de geógrafos neste sentido, o objetivo foi atingido. Embora não propriamente de geografia, alguns trabalhos dos Profs. M.I. Pereira de Queiroz e J.S Martins em muito auxiliam a visão geográfica no meio rural, no campo de incidência desta ciência com a sociologia.

---

**Bibliografia**

ARAÚJO FILHO, J. R. de – s/d – A baixada do Rio de Janeiro Itanhaém, Estudo de Geografia Regional. USP – *Boletim da FFCHL* n.º 166 Geografia 5 ilustr.

CARDOSO, F. H. e Ianni, O. (orgs) – 1965 – *Homem e Sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. 2.<sup>a</sup> Ed. Revista. S. Paulo. Editora Nacional 317 p.

COLLEY, André – 1946 – “Problemas de structure agraire ET diéconomie rurale” *Anales de Geographie* LX n.º 298 9 81-101.

COLLEY, André – 1948 – “Remarques sur points de vue géographique” *L’information Geographic* 123, n.º 4 sept. – octobre (127-135).

DEMANGEON, Albert – 1927 – “ La géographie de l’ habitat rural” *Anales de Geographie* XXXV n.º 1999 (1-23).

DERRURAU, Max – 1967 - *Précis de Geographie Humaine*. 4.<sup>a</sup> Ed. Paris Lib. Armand Colin 572 p.

FAUCHER, Daniel – 1949 – Geographie Agraire. *Types de Cultures*. Paris Armand Colin 382 (Geographie économique et sociale).

FERNANDES, Florestan – 1967 – *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Ed. Nacional (Biblioteca Universitária, série 2.a Ciências Sociais vol. 1).

FERNANDES, Liliana Langaná – 1972 – Bairros rurais no município de Limeira. Tese de doutorado junto ao Depto. de Geografia da FFCHL/USP.

FRANÇA, Ary – 1954 – “A ilha de São Sebastião. Estudo de geografia humana.” USP-FFCHL – *Boletim* n.º 178 *Geografia* n.º 10.

FESTINGER, Leon e Katz, Daniel – 1963 – *Les Méthodes de Recherches dans les Sciences*. 2 vols. Paris, Presses Universitaires de France.

George Pierre – 1961 – “Existe-t-il une geographie appliqué?” *Anales de Géographie* LXX n.º 380 (337-346).

George Pierre – 1966 – *A Geografia Ativa*. S. Paulo. Difusora Européia do Livro e Ed. da USP 359 p.

George Pierre – 1972 – *A Geografia Agrícola do Mundo*. S. Paulo. Difusora Européia do Livro, 122 p. (Coleção Saber Atual).

HARTSHORNE, Richard – 1969 – “Questões sobre a natureza da geografia. Instituto Pernambucano de Geografia e História. Comissão de Geografia, Rio, (Textos Básicos n.º 4).

KELLER, Elza C. de Souza – 1970 – *O habitat Rural. Brasil a Terra e o Homem*. Vol. II – São Paulo. Editora Nacional e Ed. da USP 291-367).

LEFÈVRE, M.A. – 1934 – “Les genres d’ habitat. Definition de l’ habitat rural et urbain in.” *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie*, Paris, 1931 Tome III, Paris A. Colin (2223-229).

LINTON, Ralph, - 1962 – *O homem: uma Introdução à Antropologia*. 4ª. ed. São Paulo. Livr. Martins 535 p.

MEYNIER, André – 1958 – *Les Paysages Agraires*. Paris. A. Colin 199 p.

MIGLIORINI, Elio – 1950 – “A geografia Agrária no quadro da ciência geográfica. *Boletim Geográfico* n.º 93 IBGE (1072-1091).

NOGUEIRA, Oracy - 1968 – *Pesquisa Social Introdução às suas Técnicas*. São Paulo, Ed. Nacional Ed. USP.

MONBEIG, Pierre – 1952 – *Pioners et de São Paulo*. Paris. A. Colin 376 p.

MULLER, N.L. – 1951 – “Sítios e sítiantes no Estado de São Paulo”. USP- FFCHL *Boletim* 132 *Geografia* 7.

OTREMBBA, Erich – 1955 – *Geografia General Agrária e Industrial*. Barcelona, Ed. Omega 420 p.

PAPY, Louis – 1952 – “En Marge de l’ empire du café. La façade atlantique de São Paulo” *Cahiers d’ Outre - Mer*. Vol. Bourdeaux (trad. No *Boletim Geográfico* XV n.º 137 1957 (139-160).

PETRONE, Pasquale – 1966 – “A baixada do Ribeira, Estudo de Geografia Humana”. USP – FFCHL. *Boletim* n.º 283 *Geografia* 14 366p + ilustr.

ROCHEFORT, Michel – 1964 – “Interesse de um estudo de orçamento para Geografia Agrária” *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*. Vol. XIII, 1959-1960, São Paulo (133-143).

SILVA, Armando Corrêa da – 1971 – “Notas sobre o método científico e a observação em geografia.” *Métodos em Questão* n.º 2 Instituto de Geografia da FFCHL/USP.

VALVERDE, Orlando – 1964 – “Metodologia da geografia agrária.” *Curso de Férias para professores*. IBGE (64-115).

VALVERDE, Orlando – 1964a - “ A Geografia Agrária como ramo da Geografia econômica.” *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*. Vol. XIII 1950-1960 São Paulo (129-134).

VALVERDE, Orlando – 1964b – *Geografia Agrária do Brasil*. Rio. INEP (Metodologia da geografia agrária – 11-37).

WAIBEL, Leo – 1958 – *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil*. Rio de Janeiro, IBGE/ CNG. 307p.

---

Este artigo foi publicado originalmente no boletim **Métodos em Questão**, nº12, São Paulo: Instituto de Geografia/ Universidade de São Paulo, 1976, 30 p.